

# Da Fecundidade da escrita em *O Livro das Comunidades* de Maria Gabriela Llansol<sup>1</sup>

Celina Martins

Resumo: A partir da abordagem comparatista, pretende-se reler e problematizar *O Livro das Comunidades* – o limiar dos rebeldes descentrados – incidindo no topos da fecundidade da escrita. *O Livro das Comunidades* – escritura-mãe – é fundacional pela indecibilidade instigante, por ser um texto ucrónico (Barrento, 2005) anunciador das mutações imprevisíveis que criam relações de fulgor (São João da Cruz, Ana de Penãlosa e Nietzsche) segundo a desleitura da História do Poder. Será através da subversão do cânone romanesco e da desterritorialização do leitor que *O Livro das Comunidades* se institui como a casa da escrita, da leitura e da pintura em construção num palimpsesto dos i-limites.

Palavras-chave: fecundidade, ucrónia, metaficcionalidade e palimpsesto.

Parfois je prends tes sandales  
Et je marche vers toi  
Parfois je revêts ta robe  
Et j'ai tes seins et j'ai ton ventre  
Paul Éluard, «Un livre en chair», *Corps mémorable*

## 1 O umbral da inquietude

Um coelho maroto, vestido como se fosse um peralta do século XIX – talvez uma reminiscência carnavalizada de Rabbit-Hole, decerto um existente-não-real – faz rodar um ovo da Páscoa fora da moldura do paratexto *d'O Livro da Comunidades* (1977) de Maria Gabriela Llansol. O híbrido roda o ovo da fecundidade e faz circular os quatro trevos do dom poético de Llansol ao qual se acede mediante o jogo da semiose (*Leçon*, Barthes, 1995: 808) em movência infinda.

O prólogo evidencia a desarticulação paródica da *deixis*. O primeiro nó de interrogação gira em torno do «eu» *fangidor* – A. Borges – que desaconselha o livro, aliciando, contudo, a sua leitura num acto de *captatio* persuasiva e possivelmente uma piscadela de um apócrifo gerado por Borges. Se o prólogo foi escrito em Jodoigne de 1977, quem realmente alude a São João da Cruz, Giordano Bruno, Tomas Müntzer e Friedrich Nietzsche, os-fora-de-série, aprisionados na censura? Será a sobreposição polifónica do signatário e de Llansol, que abrem ambos a porta dos paradigmas silenciados da História com incisiva acuidade? Tratar-se-á de um jogo de apócrifos, segundo o xadrez metaficcional de Borges? Ante a subversão dos protocolos de leitura, a reflexão de um corpo escrevente, carregado de «Cem Memórias de Paisagem», intriga (*OLC*, 1998:10). De que forma analisar o corpo avesso aos mecanismos da Tradição e do Poder? Um corpo arfante de tempo e de espaço simultâneo. Entro no jogo metapoético que corrói a madeira do medo, enraizada no vocábulo «estranheza» que tende a paralisar alguns leitores ante o universo de Llansol: «a escrita e o medo são incompatíveis» (*Um Falcão no Punho*, 1985: 13). Corto este cordão umbilical com a consciência de seguir o meu caminho figural de trevos e talvez me transfigure em legente.

## 2 Esboços e metamorfoses do corpo-casa-texto

<sup>1</sup> Este artigo corresponde a uma versão aprofundada do texto lido durante o Simpósio Internacional “30 anos após a publicação *d'O Livro das Comunidades*”, organizado por Claire Williams e Raquel Ribeiro, Departamento de estudos Hispânicos, Universidade de Liverpool, a 5 de Setembro de 2007. Edição consultada: *O Livro das Comunidades*, 2ª edição, Lisboa, Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol Editores, 1999. A sigla *OLC* será utilizada para as citações dentro do corpo do texto. A menção à restante obra de Llansol far-se-á mediante o título do texto.

À primeira leitura d’*O Livro das Comunidades*, ressoaram versos de Éluard, prelúdios, em certo grau, da metamorfose magnética e fecundante que atravessa todo *O Livro das Comunidades*:

Le long plaisir pourtant de nos métamorphoses  
Squelettes s’animant dans les murs pourrissants  
Les rendez-vous donnés aux formes insensées  
A la chair ingénieuse aux aveugles voyants [...]  
Nous sommes corps à corps nous sommes terre à terre  
Nous naissons de partout nous sommes sans limites.  
(Éluard, «Et notre mouvement», *Corps mémorable*, 1989 : 86).<sup>2</sup>

*O Livro das Comunidades* renasce em seus meandros de opacidade e textualidade perturbante, uma vez que se assume como ruínas de narrativa fabular, canto místico, cinzas de poemas, sinais de cantigas de amigo, vestígios de viagens iniciáticas no emaranhar do facto e da ficção que auto-geram o inominável e o inefável a palpitar, ainda hoje, na nervura dos nossos dedos. Tudo principiou em Lovaina, Jodoigne e Herbais – espaços de exílio interior de Llansol – que despoletaram a escrita através do perscrutar de uma situação limite de não-fala de uma criança autista. Pouco importa se desconhecemos a pergunta da menina (*OLC*, 1998:12). O primordial é a sintonia de Llansol com o corpo impregnado de memórias de futuro e passado retroactivamente umbilicados n’*O Livro das Comunidades* de forma a entranhar, copular e fecundar o lugar da fissura num encadeamento descontínuo e peculiar de intertextualidades estilhaçadas em contraponto com a estética da verosimilhança realista.

A indecibilidade genológica anima o leitor a remar em busca de afluentes de sentido, entre a bruma e o inusitado, que o conduzem ao interior da placenta combinatória do texto. Perscruto o sol do caos d’*O Livro das Comunidades*, dada a orgânica fragmentária de vinte e seis lugares que o estruturam, ciente de que o enigma se encontra ora incrustado num nó de nuvem, ora disseminado no espelho oval e no reverso do retrato num jogo de espelhamentos metaficcional. Basta repousar o olhar mental sobre a tessitura para tactear índices do anel: metáfora recorrente do texto llansoliano. *O Livro das Comunidades* é o umbral da transtextualidade: cada célula do tecido engravida novas línguas de fogo, que rondam a casa do diverso por construir (*OLC*, 1999: 18). Trata-se de uma nova casa-útero em que as hierarquias sociais, a diferença de espécies e sexos se anulam.

À maneira do «eu» enunciador indeterminado do *incipit*, invoco a cadência do *leitmotiv*: «não sei se hei-de prosseguir ou voltar para trás, mas não posso deixar de percorrer o caminho que andei» (*OLC*, 1998:25, 28) porque, embora derive no vaivém de mistérios, signos de suspensão discursiva através dos brancos da página, vislumbro as suas sucessivas transformações metafóricas: baralho, espelho, retrato de família, breviário, placenta, batalha e fonte de energia incandescente. Todo o movimento de imagens, paisagens e figuras de fulgor se articula em relação velada com vinte e seis lugares, prenhes de mistério, fora da geografia do convencional. *O Livro das Comunidades* é uma geotextualidade transtemporal dos afectos que abre a fresta da linguagem literária sonhante, implosiva e propícia a todos os seres vivos cada vez mais «sedentos do novo» na premência de um jardim de escrita em que cada figura pode «ser uma forma vibrátil de estar» (*Lisboaleipzig I*, 1994: 118). Em cada folha se encena possíveis encontros de pensamento, que não sucederam por motivos de cegueira mental mas que Llansol revisita e remodela enquanto força transgressora e refluxo de novas reescritas. Se visualizarmos a produção de Llansol como um organismo aberto à especulação experimental, a inquietude ontológica e filosófica se redimensiona desde *O Livro das Comunidades*. Como re-ligar a cultura portuguesa aos marcos de ruptura epistemológica que decorreram na Europa desde o século XIII até ao século XVII? Assim, *O Livro das Comunidades. Geografia dos Rebeldes* anuncia o ponto de viragem estético-literário ao explorar o diálogo e a contaminação inéditos entre o carmelita místico, São João da Cruz, e o filósofo visionário e ateu, Friedrich Nietzsche,<sup>3</sup> a partir do qual Llansol reconcebe «o eterno retorno do mútuo» (*Finita*, 2005: 49) como modo de acolhimento e reavaliação da trama romanesca. Todavia, a distribuição binária da casa da escrita revelar-se-á estéril.

<sup>2</sup> Éluard foi, em certa medida, um mestre de leitura da fusão amorosa. Quando Llansol o traduz, traz-lhe uma nova luz, reconhecendo a indissociabilidade da vida, do corpo e do afecto. Cf. prefácio de Maria Gabriela Llansol, *Os Últimos poemas de Amor. Paul Éluard*, Lisboa, Relógio d’Água, 2002, pp. 11-19.

<sup>3</sup> Segundo Pedro Eiras, Nietzsche já passeia nos primeiros treze lugares da casa da transtextualidade mediante a sinescrita como memória da simultaneidade, in «O Texto sobrevivente. Lendo três lugares d’*O Livro das Comunidades*», Jade - Cadernos llansolianos, nº 5, 2005, pp. 19-24.

O desagregar metadiscursivo leva ao estilhaçar do sujeito da enunciação, transitando de um «eu» múltiplo e instável para um «eu» e um «nós», feito de alteridades que convergem, até certo ponto, na libertação das amarras do institucionalizado. A tessitura desafia o leitor a percutir as vozes silenciadas ora distinguíveis ora imbricadas. *O Livro das Comunidades* pode ser lido como o pavio da pólvora de enxofre que dinamita, pouco a pouco, os alicerces da narratividade canónica que serão visceralmente consumados na fornalha desde *Lisboaleipzig I* até à depuração poética em *Amigo Amiga. Curso de Silêncio de 2004*. N' *O Livro das Comunidades*, a pequena flama se desliza por minúcias do quotidiano, resvala em luzes secretas e géneros intersticiais que se dialectizam, confraternizam e se transmutam em direcção à ucrónia (Barrento, 2005: 4-5): o género em curso de fecundação, que não alcança o horizonte receptivo no campo teórico-crítico actual, porque toda a escrita de Llansol jorra num rio solitário no sistema literário português. Porque a inter-relação entre seres humanos e não humanos não se ajusta à negatividade crítica da modernidade suspensa na ideia de crise. Dada a dificuldade de classificar Llansol num determinado movimento estético-literário,<sup>4</sup> como o seu projecto de escrita redimensiona a textualidade ucrónica, esquivando o primado do individualismo, cujas linhas directrizes são questionadas por Lipovetsky em *L'Ère du vide* sob a óptica do hedonismo relativizado.<sup>5</sup> *O Livro das Comunidades* inaugura uma comunicação escritural entre todos seres vivos, livre dos padrões da hierarquia, numa sinergia nova que anuncia, como refere Barrento, uma revolução latente que atravessa a batalha de Frankenhausem e o Apocalipse de São João de Patmos num caminho de «apocatástase profana» (2005: 8) sempre reiniciada, sempre diferida.

Voltemos à «casa de um só quarto e uma só janela» (*OLC*, 52) onde se começa a visualizar o inatingível que rui a arrumação binária. Não se atravessa a casa de São João da Cruz (treze lugares) nem a casa de Nietzsche (os sucessivos treze espaços) sem que haja colisão, mediação, apetência de hospitalidade e, sobretudo, a poética do *entresser* (*Um Falcão no punho*, 1985: 19). Quem detém a chave da casa-texto? Ninguém abismado em si mesmo. Há duas razões de relevância. Porque o tudo e o nada, toda a figura de fulgor se resemantiza e densifica em Llansol em virtude do princípio da metamorfose que plasma o renovar incessante. Assim, a ucrónia abriga o devir e a *outridade* sob os semas da desfiguração e da reconfiguração das figuras envolvidas em ensaios coreográficos de dom e troca: «a fecundidade do dom é a retribuição do dom» (*OLC*, 43). E porque *O Livro das Comunidades* indaga sobre a emergência de uma comunidade em processo de interligação, constituída por sujeitos destituídos do seu contexto sócio-histórico e por animais oriundos da imagética do onírico boschiano (Coração de Urso) e do mítico redimensionado (o cavalo Pégaso, a cadela Maya). Em suma, *O Livro das Comunidades* lança uma ponte submersa para *Lisboaleipzig I*: «tudo comunica por sinais, por regularidades afectivas, por encanto amoroso, por perigo de anulação» (1994: 142).

### 3 Do palimpsesto: as cores falantes do olhar-mão

As «medianeiras»<sup>6</sup> Ana de Peñalosa, Ana de Jesus<sup>7</sup> e a inominada rainha Santa Isabel, reconhecível pela alusão ao milagre das rosas, participam da poética do *entresser* porque sonham e se concentram em elos de confraternidade textual entre os hieráticos cindidos. Encarnam a graça do acolhimento e novos modelos de reflexão que transcendem a batalha da linguagem da impostura. Pela fresta do sonho e da contemplação, Ana de Peñalosa e a sua cúmplice Ana de Jesus abrem corredores de aliança entre São João da Cruz e Nietzsche, que implicam travessia intercomunicacional e contactos imprevistos com Giordano Bruno – revelador da infinitude do cosmos – e com Tomás Müntzer, o anabaptista deglutido e decapitado pelo Poder. Todos deambulam em estreita relação com os existentes-não-reais.

<sup>4</sup> Segundo José Augusto Mourão, a oscilação do real, a auto-reflexividade e o palimpsesto não esgotam o imaginário hermético do texto llansoliano para o filiar na estética pós-moderna. Cf. *O Fulgor é móvel- em torno da obra de Maria Gabriela Llansol*, Lisboa, Roma Editora, nota de roda pé, nº 15, 2003, p. 45.

<sup>5</sup> Lipovetsky relativiza o culto do individualismo como uma selecção ambivalente que implica a negatividade do consumismo desenfreado mas também permite a escolha livre, «à la carte», ante a vertigem avassaladora de objectos, bens e vantagens derivadas do desenvolvimento das tecnologias de informação.

<sup>6</sup> «Entre dois fogos à partida

A caminhada sem caminho

De um sim a outro sim

O regresso entre as mãos [...] » tradução do poema «Médieuse» por Maria Gabriela Llansol, *Os Últimos Poemas de Amor de Paul Eluard*, Lisboa, Relógio d'Água, 2002, p. 71. O vocábulo «medianeira» figura em *Um Falcão no punho*, op. cit., p. 78.

<sup>7</sup> Como Priora do *Carmelo* de São José de Granada, Ana de Jesus solicita a São João da Cruz a exegese do «Cântico Espiritual» cujo fluxo ecoa n' *O Livro das Comunidades*.

Jogo a semiose do geólogo que escava as camadas subterrâneas de um corpo a escrever: Ana de Peñalosa. Desde o *incipit*, a benfeitora dos carmelitas de Granada a quem São João da Cruz dedica «A Chama de Amor viva» transita do século XVI para o *locus* da escrita, interpenetrando os actos e gestos de ler-escrever no valor de reciclagem da tradição medieval em que ler era comentar e começar a escrever na voz da mente (Lopes, 1988: 10-15). Além deste facto cultural, Ana participa da simpatia transtextual, dado que cada vez que partilha o dom do livro aberto com os seus destinatários, estes se transformam em processo de escrita em consonância com a fluidez da epifania.

Ana de Peñalosa é a Figura em que a maternidade se re-trata como *leitmotiv*, pois devém a Mãe do metatexto. Ela recebe o sêmen do tecido para se tornar sucessivamente o ventre gerador de São João da Cruz, a força genesiaca que re-nasce Münster ao captar a vitalidade do pó e, enfim, dá à luz a Friedrich N., cuja renomeação contém em germe o dessacralizar e a atribuição de outra valência.

À semelhança do «eu» feminino do *incipit*, Ana faz amor com os olhos, as palavras e o tempo simultâneo. É a «voz do olhar»<sup>8</sup> que presentifica o palimpsesto dos i-limites, porque tudo se reescreve no pergaminho do corpo num perene ritornelo, envolto em reminiscências, vozes, palavras anteriores e desejos futurantes. N' *O Livro das Comunidades*, os signos giram em rotação centrífuga mas, de súbito, o legente vislumbra a âncora do Lugar 18:

Leio um texto e vou-o cobrindo com o meu próprio texto que esboço no alto da página mas que projecta a sua sombra escrita sobre toda a mancha do livro. Esta sobreposição textual tem por fonte os olhos, parece-me que um fino pano flutua entre os olhos e a mão e acaba cobrindo como uma rede, uma nuvem, o já escrito. O meu texto é completamente transparente e percebo a topografia das primeiras palavras. Concentro-me em São João da Cruz quando o texto fala em Friedrich N. (*OLC*, 57).

Ana de Peñalosa corporiza a miscigenação dos sentidos e das sinestésias. No excerto, a imagética da transtextualidade consubstancia a simbiose do olhar e das mãos – sinédoques do escrever em curso de auto-fecundação – que incide em Ana a partir da qual se espelha a exploração revitalizada da linguagem da diferença de Llansol em infinda superação do seu rendilhar. O Lugar 18 exhibe também a metamorfose intersemiótica de Ana pelo facto de se tornar «picturiente»<sup>9</sup> (*O Senhor de Herbais*, 2002: 265) e crítica lúcida do seu próprio texto. O fragmento faz emergir do espectro da carne matricial os matizes da sombra plurissignificativa. A sombra escrita projectada sobre a matéria gráfica de um segundo texto plasma e esbate as diferentes tonalidades de cinza – a mancha, o pano-venda e a nuvem flutuantes – que correspondem, no plano conotativo, ao intrincado, riscos, brancos e, por fim, aos movimentos de sentido enovoados d' *O Livro* que se distinguem da geometria da rede enquanto visualização ambivalente de percursos de errância, teia de aranha e rizoma, potencializadores de caminhos de acesso *ad infinitum*. Na correlação entre o eixo macro-textual e esta migalha d' *O Livro das Comunidades*, os distintos pigmentos da cor cinza contornam, tracejam e vocalizam a sombra, reactivando a releitura do metatexto desde a catáfora à anáfora, embora reconhecendo que ambas são categorias movediças em Llansol.

De súbito, à semelhança da experiência do «eu» escritor nas últimas páginas do *Temps Retrouvé* de Proust, entrevejo a tessitura das trevas: a projecção da sombra do coelho e do ovo na capa, o sombreado do enigma em torno do sujeito enunciador fragmentado, a sombra do miscigenar genológico e, enfim, a sombra de luz de Espinosa. Porque é a alegria profunda de escrever que *O Livro das Comunidades* dimana. Alegria no valor de *laetitia*, a exultação que reactiva a dinâmica potencializadora dos afectos.<sup>10</sup>

Ana de Peñalosa é a mão fértil que pensa e tacteia além do imanente. Quando decorre o bloqueio, coincidente com a derrota da batalha de Frankenhause e o tédio dentro da comunidade (*OLC*, 73), Ana assume o saber da legência-escrevência, atingindo o auto-conhecimento, que lhe confere o dom de gerar um novo ser mutável e híbrido, feito de sentido precário e inconcluso (*OLC*, 75-76). Incompletude criadora de sucessivas novas relações, conceitos e inquietudes. Se o Lugar 18 adquire a transparência ao possibilitar os esboços de luz é porque as palavras nascentes se desprendem da casca da neblina a fim de parir outro paradigma de ucrónia desejada pela Mãe mediante a «reformulação da comunidade» (*OLC*, 58).

N' *O Livro das Comunidades*, a semiose dos i-limites conduz ao palimpsesto abissal. A auto-reflexividade distancia-se do ciclo mítico do uróboro, porque produz simultaneamente a comunidade dos semi-vivos e o espiralar interdiscursivo baseado na ruptura, integração questionante e o recomeço infinito.

<sup>8</sup> Aproprio-me do título de Albano Martins, *A Voz do olhar*, Edições Universidade Fernando Pessoa, Porto, 1988.

<sup>9</sup> Poucos estudos académicos incidem na intersemiotividade singular em Llansol. Talvez uma chave liminar de acesso está em germe na pergunta da escritora: «quando teremos a pintura para dentro da palavra?», *O Senhor dos Herbais*, *op. cit.*, p. 272.

<sup>10</sup> Cf. Parte III «Da origem e da natureza das Afecções», in Bento de Espinosa, *Ética*, Lisboa, Relógio d'Água, 1992, p. 278-280. Todo o pensamento de Espinosa percorre o olhar reflexivo e escrevente de Llansol.

Se considerarmos a acepção greco-latino de palimpsesto (pergaminho que se raspa ou se descolora para se escrever de novo nele) e código de leitura em segundo grau à luz de Genette (1982), o palimpsesto complexifica-se em Llansol, deslocando-se em direcção a um exílio pluridimensional que gera *amâncias* de escrita. Ana é iniciada à causa amante que se vislumbra como possível senda de entendimento n' *O Livro das Comunidades*. Em *Amigo e Amiga. Curso de silêncio de 2004*, Llansol sintetiza a função revitalizadora de Ana de Peñalosa e a interanimação do homem e da mulher:

a vocação do homem é a de fazer confluír  
O ser e o não-ser no entresser.  
Nesse movimento, a mulher não será mais  
passagem, nem mediadora, mas o *ser de entre*.  
Tudo de nada. Não serão o poder e o medo que lhe imporão  
o seu movimento.  
Mas será ela mesmo que animará o movimento.  
*A mulher da noite obscura* e a sua conivente acharam-se melhor.  
(Llansol, 2005: 172, itálicos da autora).<sup>11</sup>

Hoje, após trinta anos da sua primeira gestação, as vozes do diverso d' *O Livro das Comunidades* musicam um fragmento de seiva e lápis:

Vem ler a casa do devir, do fio à fresta da folha. Veste o jardim dos paradoxos e dos risos de Parascève.  
Acende a tua vela sobre a luz visceral da noite obscura: perscruta a flama do enigma entre o arrepio e a instigância. Atravessa o indizível de que sou somos feitos: fendas, silêncios, veias de papel, palavras, nascentes de exílio.

#### Bibliografia

- BARRENTO, João. A voz dos tempos e o silêncio do Tempo. O projecto inacabado da História em *O Livro das Comunidades* JADE - Cadernos llansolianos, nº 6, pp. 3-36.
- BARTHES, Roland. Leçon, in Éric Marty (ed.) *Œuvres Complètes*, tome III, 1974-1980, Paris: Seuil, 1995.
- EIRAS, Pedro. O Texto sobrevivente. Lendo três lugares d' *O Livro das Comunidades*, JADE - Cadernos llansolianos, nº 5, 2005, pp. 3-32.
- ELUARD, Paul. *Les derniers poèmes d'amour*. 2 ed. Paris : Seghers, 1998.
- ESPINOSA, Bento de. *Ética*. Lisboa: Relógio d'Água Editores, 2002.
- LLANSOL, Maria Gabriela. *Um Falcão no Punho*. 2 ed. Lisboa: Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol, 1988.
- \_\_\_\_\_. *Lisboaleipzig 1. O Encontro inesperado do diverso*, 2 ed. Lisboa: Rolim e Maria Gabriela Llansol, 1994.
- \_\_\_\_\_. *O Livro das Comunidades*. 2 ed. Lisboa: Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol, 1999.
- \_\_\_\_\_. *O Senhor de Herbais. Breves ensaios literários sobre a produção estética do mundo, e as suas tentações*. Lisboa: Relógio d'Água, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Últimos poemas de Amor*. Paul Éluard, Lisboa: Relógio d'Água e Maria Gabriela Llansol, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Finita*, 2 ed., Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.
- \_\_\_\_\_. *Amigo e Amiga. Curso de silêncio de 2004*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2005.
- LIPOVETSKY, Gilles. *L'Ère du vide. Essais sur l'individualisme contemporain*. Paris: Points Essais, 1989.
- LOPES RODRIGUES, Silvina, *Teoria da des-posseção. Ensaio sobre textos de Maria Gabriela Llansol*. Lisboa: Blackson, 1988.
- MOURÃO, José Augusto. *O Fulgor é móvel — em torno da obra de Maria Gabriela Llansol*, Lisboa, Roma Editora, 2003.

<sup>11</sup> Itálicos da autora.